

**VELANDO: A MULHER DIABO EM UMA ESTÓRIA DE
GUIMARÃES ROSA**

ENSURING: THE DEVIL WOMAN IN A GUIMARÃES ROSA STORY

Danielle Santos Rodrigues¹
danirodrigues1202@gmail.com

Josalba Fabiana dos Santos²
josalba@ufs.br

*Seu sorriso era um prólogo.
E a estória pegou psicologia.
(Rosa, Tutameia)*

O último compêndio de estórias escrito por Guimarães Rosa, *Tutameia*: terceiras estórias, foi publicado em 1967, meses antes da morte do autor. O livro apresenta 40 estórias, de temas diversos, e marca o auge da estética roseana, ao passo em que traz narrativas extremamente curtas que consolidam a capacidade de síntese do escritor. Mas é importante salientar que tal síntese não se traduz em redução de profundidade, ao contrário. A escrita nesse livro é quase cifrada, semelhante a um corredor cheio de portas que dão a lugares diferentes a cada abertura. Dessa forma, Guimarães Rosa é um escritor cuja marca de linguagem está no impreciso local das "possibilidades". Decerto que isso não é alguma novidade sobre o autor, tão conhecido pela sabida manipulação das palavras; ocorre que, nessas narrativas, há uma reinvenção do traço estético roseano, somado à capacidade analítica e sintética de pôr o seu mundo em funcionamento.

O nosso trabalho visa analisar a narrativa "A vela ao diabo", estória integrante de *Tutameia*, "contada" em terceira pessoa, na qual se retrata a dúvida de Teresinho em

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), com bolsa de pesquisa da Capes.

²Doutorado e estágio pós-doutoral em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede.

relação ao amor e fidelidade de sua noiva, Zidica. Ela está em São Luís, distante do noivo, porém constantemente lhe escreve cartas que, com o passar do tempo, tornam-se mais espaçadas. A desconfiança do protagonista permanece em suspenso a narrativa inteira, pois de Zidica nada se sabe, e cada vez parece saber-se menos. Contudo Teresinho, com medo de perder a moça, enreda uma novena a santo desconhecido, a quem não poderia ver, a fim de tornar efetiva a graça a ser alcançada. Todos os dias, o rapaz vai à igreja acender vela e debulhar rezas para a noiva, até que revela pensar, às vezes, em Dlena, sua amiga.

Diante da ineficácia do santo, Teresinho se aconselha com a amiga, e os dois se aproximam bastante. A figura de Dlena é apresentada pelo narrador de forma bastante ambígua: anjo e diabo. E vai-se concretizando a perspicácia da moça nas teias que ela cria para afastar Teresinho de Zidica. Paulatinamente, o enfeitiça com sua beleza e solicitude. Decorridos os nove dias de reza, Teresinho vai à igreja e, ao procurar o santo para quem acendera as velas, nada vê. O rapaz encontra-se dividido entre o amor da noiva e o da amiga, quando recebe carta de Zidica. Ele vai ao encontro de Dlena, que a lê. A moça tenta disfarçar a alegria, porém, rancorosa, rasga a carta, revelando-se e desfazendo o encanto que Teresinho sentia por ela. O rapaz volta a São Luís e se casa com Zidica.

A partir dessa primeira apresentação, é necessário dizer que pretendemos, neste trabalho, analisar a construção da imagem diabólica de Dlena e sua trajetória na narrativa. Quando pensamos em trajetória, de modo algum nos vem à mente a possibilidade de linearidade, veja-se que o próprio nome da personagem já é indício de suas características imprecisas, algo típico nas obras de Guimarães Rosa. Dlena traz o "D", que tanto pode ser de Deus quanto de Diabo, figuras presentes na estória. E "lena" pode remeter a Helena de Troia, ícone de beleza, ambiguidade e ruína, como será apresentado adiante. Por esse viés, a figura de Dlena também tende a ser relativizada, colocada sob perspectiva. É uma mostra de que é possível fazer não só uma leitura desta personagem como mulher, o que por si já resulta em vários enigmas, mas aproximá-la de várias mulheres que, ao longo da história, foram lidas a partir dessa duplicidade.

Contudo, há uma tendência na narrativa em apresentar Dlena como má, diabólica, haja vista ter-se instituído culturalmente, ao longo da história, uma íntima relação entre a mulher, o mal e o diabo. Em verdade, tudo aquilo que resulta em mistério tende a agregar características negativas, mas, ao mesmo tempo, é isso que sustenta a curiosidade humana sobre o que não consegue categorizar. Esta leitura é, inclusive, mais um fruto desta

imprecisão, por isso não tentaremos aqui esgotar ou descrever todas as possibilidades de leitura. Sequer sabemos o que significa o nome "Dlena", e as características da personagem só nos fazem refletir sobre essas possibilidades.

1. Relações mitológicas

Muito cara na nossa cultura é a cosmogonia cristã, alegorizada no livro do Gênesis pela Queda bíblica. O episódio retoma Adão e Eva, quando, ao comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, “perdem” o Paraíso (SANTOS, 2004, p. 178). Nesse momento surge o Pecado, mal que foi legado ao ser humano para que sempre lembrasse que há uma lei maior regendo o mundo: a divina. O livre-arbítrio dado a Adão e Eva irrompeu no pecado, e a primeira descoberta foi a de que estavam nus. Ou seja, a descoberta dos sexos foi o pecado subsequente à transgressão original. Delumeau (1996, p. 316) diz, inclusive, que “a sexualidade é o pecado por excelência”. É um tanto curioso pensar que a sexualidade seria algo "inatural" ao ser humano, já que não fomos feitos com esse traço, pois Deus, de algum modo, "naturaliza", quando percebe que se trata de um caminho sem volta. Mesmo porque nós não deixaríamos de ser criaturas sexuais e, assim, parece um tanto injusto fazer-nos pagar pela eternidade.

É de conhecimento comum a responsabilidade que recai sobre a mulher. Eva, na Queda, em verdade cede às palavras da serpente e, diante do fruto desejado, come e oferece-o a Adão, que também o aceita. Pouco comentada é a resposta que ele dá a Deus, quando Ele pergunta:

‘Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?’ O homem respondeu: ‘A mulher que puseste ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi’ O Senhor Deus disse à mulher: ‘Por que fizeste isso?’ – ‘A serpente enganou-me, – respondeu ela – e eu comi’. (BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 51, Gen. 3, 11-13).

Não é de admirar que, no decurso da história, à mulher tenham sido agregadas conotações diversas, e, em sua maior parte, sempre negativas, sobretudo no Cristianismo. Observemos que Adão não responde à pergunta feita, em vez disso, acusa Eva. E Deus, de algum modo, corrobora a resposta do homem na própria forma da "pergunta-acusativa" que faz à mulher. Fica evidente que o gênero feminino é responsabilizado pela inserção do pecado no mundo, ideia reverberada enquanto prática cultural de subjugação ao masculino, conforme aponta Delumeau (1989):

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou uma responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre e encontrou a mulher. Como não temer um ser que nunca é tão perigoso como quando sorri? A caverna sexual tornou-se a fossa viscosa do inferno. (p. 314).

Durante anos a ligação da mulher com o mal, sendo a porta e a cúmplice de Satã, foi sedimentada através da Bíblia, da literatura monástica, dos tratados médicos e jurídicos. Logo, não é estranho perceber essas repercussões em "A vela ao diabo", de Guimarães Rosa. Salientamos, contudo, que ao retomar a demonização da mulher, o autor não insere juízos de valor, sobretudo religiosos, ao comportamento de Dlena. Antes costuma, em suas obras, criticar implicitamente a moral cristã da danação (católica e protestante) e todos os tipos de intolerância e opressão religiosa (ANDRADE, 2011, p. 86).

Retomando a formação do nome Dlena, nos aprofundemos na figura de Helena de Troia como mais um componente de ligação entre mulher, beleza, mal e ambiguidade. Outeiro, estudiosa da história de Helena, afirma:

O retrato mais conhecido de Helena é o da resplandecente beldade que vem dos poemas épicos - a Helena de Homero, uma princesa espartana de ascendência divina, que heróis gregos disputaram e que foi conquistada pela riqueza de Menelau. A rainha que, estimulada por Afrodite, deusa do amor, recebeu em seu leito um jovem príncipe troiano enquanto o marido estava ausente; a aristocrata obstinada que voltou às costas aos gregos e fugiu para Troia odiada por todos, e, exilada, viu heróis perecerem em seu nome. Também há a adúltera descrita por Ésquilo e Eurípedes [...]. E obviamente há a mulher indigna, a oportunista, a mulher de olhos de cadela e a cadela traidora, a mais detestada das mulheres, uma força que trazia em si morte e desgraça. (2011, p. 32-33).

Ao inserir Helena no nome de sua personagem, Guimarães a insere no paradoxo representado pela rainha espartana, bela e infiel, duas vezes destruidora de lares, Esparta e Troia, responsável por anos de guerra e mortes e que, ao fim, escapa impunemente. Há diferentes versões que inocentam ou que acusam Helena. Fora raptada ou fugira com Páris?

À Dlena parecem se fundir as características ambíguas da rainha, conforme podemos perceber no trecho em que o narrador a descreve colando-se no olhar de Teresinho: "Tão recente e inteligente, de olhos de gata, amiga, toda convidatividade, a moça esvoaçadora" (ROSA, 1967, p. 22). Podemos perceber pontos de intersecção entre ambas no seguinte trecho de Souza (2001) sobre Helena:

[...] podemos concluir ter sido ela uma alma contraditória. Não era pessoa sibilina nem espírito vulgar. Não se pode chamá-la devassa, tampouco virtuosa. Não era sábia, mas nada tinha de obtusa. [...] Submetida às leis dos homens, criava e afirmava seus direitos de mulher. Daí ser difícil, senão impossível, contê-la em uma definição sucinta e coerente. (SOUZA, 2001, p. 181).

Elas compartilham do mal, da beleza e da inteligência. São geradoras de dúvida, cifradas e criadoras de cifras marcadas pelos olhos: uma os tem de gata; a outra, de cadela. Além disso, ambas falsamente se submetem ao poder masculino. Dlena, dócil e sedutora, através da linguagem tece o fio que acredita conduzir Teresinho a ela. Por fim, ao selar Dlena (Deus/Diabo + Helena), Guimarães consolida o poder ambíguo e o diabólico da personagem.

2. Desvelando a estória

Desde os itens pré-textuais, a narrativa se mostra entremeada de sentidos. O título "A vela ao diabo" já anuncia ambiguidade. "Vela" pode ser substantivo, mas também terceira pessoa do tempo presente do modo indicativo do verbo velar, que, segundo Houaiss e Salles (2009), possui duas acepções básicas: (1) permanecer em vigília, zelar, proteger; (2) cobrir com véu, encobrir, tapar, esconder.

Após a leitura da narrativa, os significados do título se aprofundam. Há a vela ao santo desconhecido que, ao final, se revela nada, escuridão, e pode ser lido como o diabo; há o velar de Teresinho em relação à Zidica; Há Dlena, diabólica, velada, oculta. As possibilidades são diversas e se sobrepõem, criando uma noção de perspectiva.

Passando à epígrafe, percebemos uma inversão de papéis ("E se as unhas roessem os meninos"), que cria um estranhamento no leitor e anuncia que, na estória, possivelmente, os elementos serão alterados em sua ordem.

A narrativa inicia com a frase "Esse problema era possível" (ROSA, 1967, p. 21). "Esse" é pronome demonstrativo que retoma "coisa" ou "pessoa" que está afastada de quem emite a mensagem e perto de quem a ouve. O "problema" era a suspeita traição de Zidica "trás orelha, saltando-lhe pulga irritante" (ROSA, 1967, p. 21). Há uma retomada do ditado popular "ficou com a pulga atrás da orelha", que significa que a dúvida nascera tanto de uma suspeita pessoal, quanto pode ter sido soprada aos ouvidos. Além disso, há a ideia culturalmente cristalizada da mulher como mal, já discutida e que aqui aparece na fala do narrador, colado no olhar de Teresinho, "As mulheres, sóis de enganos...". O sol

traz uma noção de beleza, dá luz, gera vida, mas também ofusca, escurece a visão e, aliado ao engano, associa à mulher uma grande capacidade de ludibriar.

Dessa forma, Teresinho inicia sua inquietação. Ele queria ler, nas cartas, o amor transbordante de Zidica, mas visualiza desamor, enfado e inconstância, características apresentadas por Delumeau (1989) como elementos do processo de demonização da mulher. Contudo o narrador aponta, diante das suspeitas do protagonista, que "Embora, em lógico rigor, motivo para tanto não houvesse ou houvesse" (ROSA, 1967, p. 21). A dúvida mais uma vez está instaurada por meio da conjunção "ou". Zidica permanece à sombra, sem voz, enquanto Teresinho se consome em incertezas.

Ele resolve fazer "novena heroica", elemento chistoso que traz à baila uma crítica ao Cristianismo católico, na medida em que o protagonista parece assim estabelecer uma relação de troca com Deus, do tipo velas e orações, para concretizar o amor da noiva. Há uma relação entre a subjetividade religiosa e a objetividade do "método" e obtenção do "resultado", como uma espécie de fórmula. Percebemos essa questão posta em tom de ironia na seguinte passagem: "O método moveria Deus, ao som de sua paixão, por mirificácia – dedo no botão, mão na manivela – segurando-lhe Zidica com o futuro" (ROSA, 1967, p. 21).

Há elementos da linguagem científica e industrial, tais como "método", "botão", "manivela", fazendo-nos pensar que Guimarães tensiona, na narrativa, a ligação conflituosa entre religiosidade e ciência, ao passo em que parece aludir a uma indústria da fé, na simplificação do processo *fazes X, recebes Y*.

Com a novena, Teresinho "Ia conseguindo, e reanimava-se; nada pula mais que a esperança. Difícil – pueris humanos somos" (ROSA, 1967, p. 21). Podemos visualizar nesse excerto uma referência à Pandora, que abriu o vaso da felicidade e deixou escaparem voando todos os males, seres alados, restando, apenas, a esperança, lida por Nietzsche (2001) como mais um mal:

Um único mal ainda não saíra do recipiente: então, seguindo a vontade de Zeus, Pandora repôs a tampa, e ele permaneceu dentro. O homem tem agora para sempre o vaso da felicidade, e pensa maravilhas do tesouro que nele possui; este se acha à sua disposição: ele o abre quando quer; pois não sabe que Pandora lhe trouxe o recipiente dos males, e para ele o mal que restou é o maior dos bens - é a esperança. - Zeus quis que os homens, por mais torturados que fossem pelos outros males, não rejeitassem a vida, mas continuassem a se deixar torturar. Para isso lhes deu a esperança: ela é na verdade o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens. (p. 63, aforismo 71)

Através dos vocábulos "difícil" e "pueris", presentes no trecho destacado de "A vela ao diabo", notamos o tom cético do narrador em relação às expectativas de Teresinho. É possível entrever uma relação com o discurso nietzschiano, que vê a esperança como o mal que parece o bem, a permanente tortura humana, prolongadora dos sofrimentos da vida.

Nesse contexto, entre rezas e esperanças, aparece, pela primeira vez, a imagem de Dlena: "pensava em Zidica; vezes, outrossim, pensasse um risquinho em Dlena" (ROSA, 1967, p. 21). Na sequência dessa passagem, vem o terceiro dia da novena. Teresinho, aflito por não ter recebido carta da noiva, impacienta-se e procura a ajuda da amiga Dlena. Não nos passa despercebido o número 3, o início do triângulo ao terceiro dia, o tridente do diabo: modos de compor roseanos. A partir desse ponto, o protagonista inicia um processo de aproximação com Dlena, numa busca de "aliar recursos" em sua empreitada, pois "Deus é curvo e lento" (ROSA, 1967, p. 22).

Dlena, construção ambígua, descrita como "inteligente, de olhos de gata, toda convidatividade, a moça esvoaçadora. Ela mesma, lindo modo, picara-lhe em Z a dúvida, mas pondo-se para conselhos" (ROSA, 1967, p. 22). A inteligência, a "sagaz tática", o notar das "gentis, faltas de gramática" nas cartas de Zidica acentuam a capacidade intelectual de Dlena. Há uma aproximação com gato em seus olhos, que aludem tanto à beleza quanto ao fato de ser traiçoeiro. Em outros momentos se falará de seus olhos como sendo olhos-paisagem.

Outro animal inferido é a mosca. Na união "moça esvoaçadora", há uma aproximação sonora entre moça e mosca, ainda mais seguida pela aglutinação de esvoaçante e ameaçadora. Tal interpretação é reforçada pelo trecho "picara-lhe em Z a dúvida", picar de mosca e dúvida em Z sendo a suposta traição ou desamor de Zidica para com Teresinho. Sobre a noiva do protagonista, vale ainda notar seu nome, que parece aglutinar zica (azar, confusão, problema, desentendimento) e dica (informação ou indicação boa).

Dlena também acolhe Teresinho com o "tato fino de aranha em jejum" (ROSA, 1967, p. 22). Mais um animal, agora a aranha, pertencente à espécie que, após o acasalamento, devora o macho. A criação de Dlena como moça perigosa, diabólica vai-se sedimentando a cada dado que o narrador fornece a seu respeito, mas Teresinho, "inocente", ignora qualquer má intenção da moça. Dlena assume uma postura masculina ao ouvir o rapaz e instruí-lo no proceder com Zidica: "*Mulheres? Desprezo... – Muxôxo;*

ela dizia isso tão enxuto. Ela e cujo encanto”. (ROSA, 1967, p. 22, grifo do autor) Percebemos em sua fala traços patriarcalistas: não se inclui como mulher, antes se coloca de fora como julgadora e demonstrando desprezo. Contudo a sua fala não está exatamente para a verdade, haja vista haver toda a tentativa de conquistar Teresinho, manter a tensão entre ele e Zidica, ao mesmo tempo em que o conquista. Faz parte do processo falar o que ele quer ouvir, entrar em conformidade com seu pensamento, fazê-lo acreditar que tem o controle da situação, enquanto é ela quem o manipula.

Diz Diogo:

[...] a mulher é representada de maneiras bem diversas na literatura de João Guimarães Rosa. Isso se deve porque o autor não é afeito a seguir moldes de ação para os personagens. [...] Não funciona apenas como força apaziguadora, passiva, receptiva. Muito pelo contrário, ela é capaz de condensar a tensão a sua volta e servir de gatilho para acontecimentos que, sem elas, possivelmente não ocorreriam [...]. Todas essas mulheres de papel representam o processo de libertação do feminino, que irrompe o tecido de aço do patriarcalismo, com as armas do silêncio, da palavra e da violência. (p. 234-2235)

Com relação ao encanto de Dlena, "sabemos que se trata de atributos conferidos ao diabo que consiste justamente na elegância de modos e gestos, que foram herdados pela tradição desde a Idade Moderna. Sendo assim, a beleza, outra forma do diabo se disfarçar, surge ao mesmo tempo absurda e angelical” (ANDRADE, 2011, p. 29). A moça vai apaziguando Teresinho, enfeitiçando-o e aconselhando-o a "aguentar tempo, pagar na moeda!" (ANDRADE, 2011, p. 29). Ou seja, enviar poucas cartas, e menos calorosas, para Zidica.

Teresinho "prosseguia na novena – ao infalir de Deus, por Santo incógnito" (ROSA, 1967, p. 22), seguida da orientação ofertada por Dlena, a quem visitava constantemente. "Reenchia-se a lua por aqueles dias", ou seja, há uma clara inclinação emotiva do rapaz para com a amiga. Leva-lhe as cartas de Zidica, para que Dlena dê seu parecer, ao que ela se coloca de forma perspicaz. Dlena é constante, responde de pronto às necessidades de Teresinho, está sempre disposta a ouvi-lo, ao passo que Deus, sua outra tentativa para manter Zidica, não. E o narrador traça comparação: "Seu parecer provava-se sagaz tática, não há como Deus, d'ora-em-ora" (ROSA, 1967, p. 22).

O protagonista, já totalmente envolvido com Dlena, na "fraternura". Entre suspiros, o rapaz ia "se embriagando miudinho, feliz feito caranguejo na umidade, aos eflúvios dessa emoção. Seu coração e cabeça pensavam coisas diversas" (ROSA, 1967, p. 22). Nesse sentido, há uma perda da identidade de Teresinho que, de repente, se vê ligado a Dlena e afastado do seu plano de casar com Zidica. Segundo Delumeau (1989): "Esposa

ou amante, [a mulher] é carcereira do homem. Este deve, pelo menos, às vésperas ou no caminho de grandes empreendimentos, resistir às seduções femininas. Assim fazem Ulisses e Quetzacoatl. Sucumbir ao fascínio de Circe é perder a identidade" (p. 313, grifo nosso).

Teresinho encontra-se repartido e culpado. Pensa em "Zidica bordando o enxoval... Zidica, a doçura insípida da boa água, produtora de esperanças... Tão quieto, São Luís, tão certo... Seu coração batia como uma doença, e ele tinha medo." (ROSA, 1967, p. 23). Medo de deixar de amar Zidica, sua constância e aparente tranquilidade, enquanto com Dlena tudo era arroubo, recente.

Passam-se os nove dias da novena, Teresinho tomado de dúvidas, "quase felicidade" e "espinhos perseverantes". Retorna à igreja, a fim de finalmente ver o santo ao qual devotara a novena, eis que "Mal e nada no escuro viu, santo muda muito de figura" (ROSA, 1967, p. 23). Não havia santo, ou seu santo (Zidica) havia mudado de figura (Dlena)? Fica muito ambíguo esse trecho. O título anuncia que a vela é acesa ao diabo, o qual se personifica em Dlena. Contudo há uma menção ao nada, que pode remeter a não existência de um ser divino, "do nada, nada obteve" (ROSA, 1967, p. 23). Ou, sabendo que o nada é um conceito comumente trabalhado por Guimarães Rosa, podemos tentar aprofundá-lo, nesse contexto, ligando-o à filosofia de Heidegger, pois, para ele,

[...] o nada se coloca por si mesmo na angústia, não precisa ser criado, mas se revela na angústia e ao mesmo tempo a provoca, ele é a causa e o efeito ao mesmo tempo. Para isso Heidegger emprega a expressão: "*o nada nadifica*", para dizer que o modo de o nada se manifestar somente ocorre por meio do nada mesmo. O nada nos lança num constante nada, ele mesmo é o sujeito de si, não é um objeto que está ao nosso alcance, que pudesse porventura ser "definido" por meio de uma negação. Pelo contrário, é ele mesmo que nadifica. O nada, posto que está acima de um ente determinado, é assim o próprio *véu do ser* que se revela em nossa existência por meio da angústia. (WERLE, 2003, [s.n.])

Como é possível ver, há uma estreita ligação entre as palavras de Rosa e o comentário sobre a filosofia de Heidegger. No caso da estória, a angústia também é um elemento que gera a circunstância da religiosidade de Teresinho. Na verdade, não ocorre uma falência da reza, e sim do que se espera gerar com ela, quando a prece é feita para o nada. Não se pode gerar algo do nada. A questão fica ainda mais complexa quando o elemento Dlena – duvidoso, duplo, diabólico, dividido, dual, dobro – entra na trama deixando os significados mais complexos. Podemos pensar também que é a duplicidade de acender uma vela para Deus e outra para o diabo que gera o nulo, pois as forças se confrontam e se dissipam.

Ao sair da igreja, Teresinho, aparentemente rendido de amores, vai até Dlena "com o coração na mão, algemada; caiu-lhe a alma aos pés dela" (ROSA, 1967, p. 23). Nós, leitores, já aguardamos o desfecho: Teresinho abandona Zidica e fica com Dlena. Contudo, anuncia o narrador a falha de Dlena: "O diabo não é inteiro nem invento" (ROSA, 1967, p. 23).

Dlena está vestida de fogo, com as cores do diabo: "vestido, amarelo com malhas castanho-vermelhas". Diante de Teresinho, ela abre a última carta escrita por Zidica e ri "de modo desusado". Começa a se revelar a Teresinho, não se contendo, com os "olhos sem cinzas, rancordiosa". O fogo de suas vestes está em seus olhos, anteriormente de paisagem e agora de rancor e ódio, conforme aglutinação. A presença de Zidica, via carta, linguagem, desfaz o plano de Dlena, que acreditava ter construído o novelo do destino de Teresinho, tal qual uma moira, e o enrolado ao seu.

As moiras "eram três deusas que personificavam o destino humano: Átropos, Cloto e Láquesis. A primeira carde o fio da vida de uma pessoa, a segunda o enrola e a última o corta, significando com isto que sua vida chegou ao fim" (FRANSCHINI; SEGANFREDO, 2007, p. 424). Em "A vela ao diabo", Dlena enreda o destino de Teresinho e tenta moldá-lo aos seus desejos. A princípio, semelhante à Láquesis, ela gera, cria uma relação, uma vida com Teresinho a partir da criação da dúvida em relação à Zidica. Depois, ela tece, enrola o destino de Teresinho através da linguagem e da desconfiança que alimenta. Ao passo em que o seduz e encanta, constrói teia – tal qual uma aranha – na qual o prende. Espera dar o último golpe, o de Átropos, da morte de Zidica na vida de Teresinho. Contudo, aparece o elemento surpresa: Zidica, silenciosa até então, se manifesta, envia a carta, e é ela quem dá o golpe final de Átropos, cortando Dlena da vida de Teresinho e restaurando sua relação com o rapaz.

O elemento surpresa é o reaparecimento de Zidica somado à revelação de Dlena enquanto "megera", o que remete à "fórmula à Kafka" apresentada em um dos prefácios de *Tutameia*: "seria, assim, uma situação em que o herói é enredado inocentemente, como uma vítima do estar-no-mundo, da inter-relação entre os sujeitos, da manipulação externa. O sujeito interage, reage a um estímulo externo, a uma situação não prevista, provocada por outros (RAMOS, 2007, p. 60).

Dlena acreditava que enganara Teresinho, que já o tinha nas mãos, porém deixou transparecer rancor ao rasgar a carta:

A carta rasgou, desfaçava-se. – "Viva, esta!" – voz de festa; o que maldisse. Soou, e fez-se silepse.

Teresinho recuou de surpresa, susto, queimados os dedos. Seu coração se empacotou. Decidiu-se de vez, de ombros, não preso. Ali algo se apagava. Dlena, ente. Nada disse e disse mal. Só o que doeu: sorriso do amarelo mais belo. Teresinho arredou olhos. (p. 23)

Dlena revelou sua verdadeira face. Culturalmente, o diabo disfarçado sempre se revela. Aludindo à "fórmula à Kafka", apresentada por Rosa, Ramos dirá que "O chiste se realiza quando o herói percebe o equívoco, quando se reconhece, o que leva à inversão do curso das ações (peripécia): aquilo que se configurava como trágico acaba se dissolvendo, terminando em nada" (2007, p. 105). Assim, Teresinho percebe seu equívoco em relação à Dlena e, em nada, termina a relação entre ambos.

É interessante notar que a revelação ocorre para Teresinho pós-novena, após seu encontro com o santo-nada, e sexto dia do "namoro" com Dlena. Ressaltamos esse número em nossa leitura de Dlena como diabólica, pois, segundo a mitologia cristã, no sexto dia Deus criou o homem e a mulher para povoarem o mundo. Relatos não citados no texto sagrado e de acordo com Sicuteri (1998), mencionam: "desde o início, Lilith [primeira companheira de Adão, feita do mesmo barro e não a partir de uma costela, como Eva] fora chamada 'demônio', seja por sua força instintual, seja por ter sido criada logo após Adão, nas últimas horas do sexto dia, juntamente com os demônios no início das trevas." (p. 29, grifo nosso).

Dlena se mostra diabólica em vestes, gestos e sorrisos. A alusão a seus dentes, feita na passagem "sorriso do amarelo mais belo", e a decisão de Teresinho em não se prender à Dlena, entram em conformidade com o medo da castração exemplificado por Delumeau (1989), quando do processo de demonização da mulher:

Dossiês clínicos, mitologia e história confirmam, com efeito, o medo da castração no homem. Contaram-se mais de trezentas versões do mito da *vagina dentata* entre os índios da América do Norte, mito que se reencontra na Índia, por vezes com uma variante igualmente significativa: a vagina não tem dentes, mas está cheia de serpentes. (p. 313).

Percebemos na narrativa que, ao mesmo tempo em que atrai Teresinho pela sua beleza, Dlena o repele com sua face real, monstruosa e amedrontadora.

Em "A vela ao diabo" há um entrelaçamento com o cômico, que se dá por intermédio do chiste, já apresentado, e do engano, conceito que, diferente da *hamartia*,

[...] não gera dor ou catástrofe é utilizado para representar o humano e sua crença na ilusão dos sentidos, muitas vezes associado à "fórmula à Kafka", o enredar-se inocentemente numa *realidade* criada pelo discurso. O mundo emerge

como uma espécie de representação discursiva radicada no desejo. (RAMOS, 2007, p. 141).

Dlena-diabo enganara Teresinho até revelar-se diabólica e, então, fora enganada por ele. Nós, leitores, fomos enganados também. Acreditamos no sucesso da investida de Dlena, pois toda a narrativa apontava para isso. No entanto, houve uma ruptura, uma inversão, conforme já indicava a epígrafe: "E se as unhas roessem os meninos?"

Acerca da narrativa ora analisada, Ramos (2007) conclui:

[...] apesar de todos os enganos de Teresinho, temos o desenlace *feliz* da estória, que se encerra com a paródia do clássico "e foram felizes para sempre" dos contos de fadas, redimensionando o encontro amoroso ("infelizes e felizes, misturadamente"). Seu erro não conduz à dor, característica que Aristóteles entende ser típica da perspectiva cômica. (p. 110).

A figura da mulher-demônio parte de uma construção sócio-histórica que, conforme aponta Delumeau, é presente na literatura, pois "a ideia de que a mulher não é nem pior nem melhor do que o homem parece ter sido estranha aos dirigentes da cultura escrita." (p. 349). Guimarães Rosa, em "A vela e o diabo", faz uma releitura desse arquétipo não para reafirmá-lo, haja vista, como dissemos, não haver juízos de valor a esse respeito. Antes, Rosa problematiza mais uma vez a figura do diabo que, conforme afirma o autor, em entrevista a Lorenz (1991):

[...] é uma realidade no mundo. Está oculto na essência das coisas, e faz ali suas brincadeiras. A ciência existe para expulsar o diabo. O homem sofre sempre o desespero metafísico, pois conhece a existência do diabo e pode liquidá-lo, superando-o até conseguir uma humanidade sem falsidades. (p. 92).

Acostumado a expor mulheres de diversas facetas, mas sempre como seres propulsores da narrativa, Guimarães Rosa, em "A vela ao diabo", aborda a demonização do gênero feminino, ressaltando o caráter ambíguo e misterioso já conhecido. Contudo, o autor gera reflexão a partir do estranhamento, na medida em que a poderosa figura diabólica de Dlena, que tanto mal prometia, simplesmente é enganada e desaparece. "Se nadifica", encerrando o conflito da narrativa em uma paródia do "felizes para sempre".

Referências

ANDRADE, Francisco Gomes de. **O demônio interior em Grande Sertão**: veredas. Dissertação (Mestrado em *Língua, Cultura, Identidade e Ensino*) – Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011, 140 p.

BÍBLIA SAGRADA. 98. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1995.

DIOGO, Sarah Maria Forte. Mulheres, sóis de engano: a representação da mulher na literatura de Guimarães Rosa. In: **Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura**. Universidade de Brasília, 2011.

FRANSCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. **As 100 melhores histórias da mitologia**: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

HOUAISS, Antonio; SALLES, Mauro Villar de. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo Faria (org.). **Fortuna crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 62-97.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Cia de Letras, 2001.

OUTEIRO, Marina Pereira. Divina entre as mulheres: Helena de Troia e a mulher do bronze recente (1580-1100 a.C). **Revista Historiador**, n. 4, 2011. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Acesso em: 20 jul. 2013.

RAMOS, Jaqueline. **Risada e meia**: comicidade em *Tutaméia*. Tese. (Doutorado em Letras), São Paulo, USP, 2007. 176 p.

ROSA, Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. **Fronteiras da nação em Cornélio Penna**. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SICUTERI, Roberto. **Lilith**: A lua negra. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOUZA, Claudio Mello. **Helena de Troia**: o papel da mulher na Grécia de Homero. Rio de Janeiro: Lacerda, 2001.